

Memórias da Escola

- De aluna a educadora –

Maria Lucília Teixeira Mendes



Tecto de Nuvens

Título

Memórias da Escola – De aluna a educadora -

Edição

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, LDA.
Rua Camilo Pessanha, 152, 4435-638 Baguim do Monte
tel./fax 224807820; tlm: 960131916 geral@tecto-de-nuvens.pt
www.tecto-de-nuvens.pt

Coordenação literária de

Teresa Cunha
teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

Autores:

Maria Lucília Teixeira Mendes

Capa

Hugo Baganha a partir de imagens de uso livre.

Fotografias

Do arquivo pessoal da autora

Paginação

Tecto de Nuvens

Revisão

Tecto de Nuvens

Concepção Gráfica

Tecto de Nuvens

© Maria Lucília Teixeira Mendes

ISBN: 978-989-53743-9-7

Depósito Legal: 509468/22

A autora escreve predominantemente segundo o Antigo Acordo Ortográfico.

O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade da autora.

A gerência da Tecto de Nuvens

Prefácio

De todas as memórias que marcam a nossa vida, sem dúvida as da escola ocupam um lugar muito especial, em particular quando se esteve dos dois lados da carteira...

Maria Lucília Teixeira Mendes esteve desses dois lados e em comum ficou a atenção ao detalhe, aos pormenores, pequenos que sejam, que dão tempero à vida. Resumidamente, presta atenção a tudo aquilo que faz uma boa história. Ao longo destas páginas vamos acompanhando a autora, da menina cheia de vida e ainda muita vontade de aprender, à educadora cheia de miminhos para dar e sempre muito envolvida nas comunidades onde esteve.

São memórias dela, que também são nossas, até daqueles que são demasiado novos para as ter vivido. São estes relatos que nos ajudam a pessoalizar a História, a guardar vivências, a dar a imortalidade a quem a merece. Rimos e choramos, ansiamos e celebramos, junto com a autora todas estas experiências, todas estas memórias.

Há todo um cuidado em dar pormenores, em dar cor às paredes, paladar à comida, som às gargalhadas, tudo tão vívido que é como se estivéssemos estado lá. Naturalmente, que a memória tem a sua própria ficção e a sua própria liberdade, talvez as memórias de contemporâneos sejam um pouco diferentes, e também correctas.

Por vezes, por motivos vários, alteraram-se nomes e locais, noutros (porque o contexto das publicações originais assim o exigia), compôs-se uma conclusão, uma moralidade.

Esta publicação encerra os festejos do nosso 15º aniversário, e foi um prémio. Oficialmente ele foi atribuído à Maria Lucília Teixeira Mendes, mas estou em crer que

todos concordarão que na verdade quem ganhou o prêmio foi todo e qualquer leitor que vá viver, também, estas memórias. E talvez acabemos todos premiados se essas memórias despoletarem outras e estas novas forem também preservadas.

A nossa História e a nossa Cultura é feita de Memórias e essa, talvez, tenha sido a melhor lição que a Escola nos ensinou. Que seja uma lição que não se perca...

Teresa Cunha, editora

Vem à luz numa aldeiazinha pobre, escondida entre montanhosos pinheirais e campos de cultivo. Real, é o seu nome: pequeno lugarejo da freguesia de Figueiredo das Donas, concelho de Vouzela. Trinta de Dezembro de 1951, é a data verdadeira. Era domingo, cerca das 7 horas da manhã, o que impediu a mãe de ir à missa. O pai, feliz com a primogénita, não a regista no ano velho. É o dia 1 de Janeiro de 1952 que passa a vigorar, oficialmente, e para todos os efeitos. Recebe um nome que, até ao fim dos seus dias, será portador de luz, mesmo que pequenina.

A menina, com luz no nome, vivia habitualmente com os avós. Como o avô trabalhava longe, era com a avó que partilhava a cama. E como isso era bom!

Por causa da sua data oficial de nascimento, a avó costumava dizer que, se fosse rapaz, iria à tropa um ano mais tarde. Assim, veio a entrar na escola quase com oito anos. Não conhecia uma letra, por maior que fosse o que, a dizer a verdade, lhe facilitou muito a vida escolar. Daí, a felicidade exultante com que a frequentava. Nem sequer precisou de ser acompanhada no seu primeiro dia. Foi contente, com a outra criançada, estrada fora. Feliz, disse o nome completo. Só que, ao nome próprio, acrescentou os dois sobrenomes paternos, ciente de que assim seria. Só, então, soube o seu sobrenome verdadeiro, ao ser corrigida pela professora.

O Jardim de Infância foi feito a inventar brincadeiras com os irmãos nos quintais da casa onde nasceu e na rua, em interação com a pequenada da aldeia.

A escola veio a revestir-se de tal magia que a deixava fascinada. Ir para a escola era ir para uma festa. Aquela mente virgem absorvia tudo quanto lhe era ensinado.

A aprendizagem da leitura, então, foi uma descoberta tão nova e atraente que a fazia ver como que escritas no espaço as sílabas de cada palavra pronunciada.

Lia tudo o que encontrava.

Escutava com atenção as histórias contadas ao serão. Algumas eram aterrorizadoras, porque entrelaçadas com coisas do outro mundo, fazendo-a, por isso, temer o escuro de um tempo em que a luz eléctrica era apenas miragem.

Ao avô, pedia muitas vezes que lhe contasse uma história. Ele ensinava-lhe muitas lengalengas e trechos da história de Portugal. Também lhe cantava canções; canções que eram histórias... Algumas nem tinham fim...outras eram armadilhas para exercitar o raciocínio.

Chorou ao deixar a escola, mista e turbulenta, depois da antiga 4ª classe e onde adquiriu ferramentas que lhe serviram para o resto da vida. Voltava lá muitas vezes para trazer livros da biblioteca - um pequeno armário de madeira com vidros nas portas e que guardava alguns tesouros que queria desvendar.

A Menina que voava e saltava charcos de água, é quem gosta de recordar coisas que talvez ninguém se tenha lembrado de escrever.

Voou esta menina, certa manhã, muito cedo, num comboio fumegante, ainda mal acordado, na companhia de três andorinhas que lhe deram a mão para aquele voo. Desta vez rumava a sério para onde nem sequer conseguia imaginar. Apeou-se em Santa Apolónia.

Que grande era Lisboa! Que lindo o mar!

Ouviu nomes nunca antes soados aos seus ouvidos: Cais do Sodré, Santos, Algés, Oeiras... Destino final: Monte Estoril.

Subido o monte, um sumptuoso palacete a esperava. Descia a noite. A viagem tinha sido muito longa. Nela ouviu falar de "Música no Coração", um filme que haveria de ver algumas vezes. A música fazia parte do trinómio que trazia constantemente na cabeça: "música, flores, crianças".

Por enquanto, não seria ali a sua morada. Mais uma subida por ruas alcatroadas, sem gatos, cães ou galinhas e ei-la agora numa acolhedora vivenda, oferta de uma bondosa senhora beirã – a dona Laudimira - que por ali tinha feito vida e a quem carinhosamente todas chamavam avozinha.

O Monte Estoril era agora mais alto. Dali se vislumbrava uma paisagem encantadora. O mar e o verde salpicado de telhados vermelhos, era o que mais a encantava.

Tinha tantas saudades! Mas ficou. Ficou, para desilusão de quem, na sua terra, tinha agoirado que não permanecería mais de um mês.

Era tudo novo! Tudo! Ali sim, apesar de tempo de férias, havia várias meninas e três ou quatro Irmãs que com elas viviam.

Brincava-se até à saciedade no ringue dos Salesianos, já que o Padre Miguel emprestava os patins dos seus rapazes, de quem era o treinador. A única coisa que pedia em troca era que as meninas rezassem para que eles ganhassem os jogos que disputavam com outras equipas.

A comida era boa e abundante, embora não fosse fácil àquelas Irmãs alimentar tantas meninas a crescer. Por vezes, escrevia-se a alguns benfeitores a pedir ajuda e... lá vinha o senhor Américo Tenreiro com mais uns bacalhaus...

Morreram muitos mortos

O tempo era marcado por ritmos diários e, as tarefas, rotativas. Aulas, ajuda na cozinha ou na lavandaria, lavagem de pratos e panelas, limpeza dos vários ambientes, cuidado dos espaços do jardim... Tudo era feito por todas. E as Irmãs davam o exemplo!

Houve um ano em que as meninas mais crescidas pintaram várias partes do interior do colégio. Junto à copa que ostentava, pendurados na parede, enormes tachos e frigideiras em cobre, ainda do tempo dos senhores Condes, a Ir. Palmira caiu do andaime sobre a lata de tinta azul. Não se magoou, mas em vez de um hábito preto, ficou com um azulinho.... No fim destas pinturas, as adolescentes que nela participaram, tiveram uma recompensa inesperada: assistir ao Festival da Canção pela televisão, depois de as outras se terem deitado. Que alegria por esta inusitada exceção!

As aulas de trabalhos manuais eram tão práticas que, uma aluna confeccionou nelas as suas próprias sapatilhas para a ginástica.

Momentos havia em que também a sala de costura chamava para outras tarefas: aprendiam-se uns pontinhos que conduziam a trabalhos de maior vulto, como lindas toalhas para oferecer na Festa da Gratidão feita à Provincial e à Diretora que, nesse dia, personalizavam todos aqueles a quem se devia reconhecimento pelo bem recebido. Estes trabalhos serviam, depois, para oferecer aos benfeitores. Eram também as meninas que bordavam os sacos pessoais para os guardanapos.

Uma vez, a “Assistente” disse à Lurdinhas, em tom de repreensão, que já era tempo de saber fazer o ponto de cruz

no saquinho que não lhe saía das mãos. Ela, um pouco amuada, retirou-se num cantinho a bordar, não deixando que alguém visse a sua obra. Ao fim de certo tempo, apresentou-a, divertida e orgulhosa. E o que bordou ela? - Nada mais, nada menos que a frase, em perfeito ponto de cruz colorido: “apliquei aqui toda a minha ciência!”.

Também se rezava o terço na capela, juntamente com as irmãs que procuravam que esta não fosse uma oração monótona. Certo dia, sugeriram às meninas que fizessem uma invocação espontânea a Nossa Senhora a que todas responderiam como de costume, “rogai por nós.” Já várias tinham feito a sua invocação e estava a chegar a vez da Clara. Esta, nervosa, por não lhe vir nenhuma ideia, tocou com o cotovelo na vizinha, mesmo em cima da hora e pediu-lhe, aflita: “Diz-me! Diz-me...”. A vizinha, que certamente estaria nos mesmos apuros, respondeu-lhe baixinho: “inventa-a tu”. Sem ter tempo para pensar, a Clarita repetiu logo em voz alta, com a maior das devoções: “Inventa-a tu”. - “Rogai por nós” - responderam todas, embaladas pela cadência normal destas preces.

Havia uma prece que chamava Auxiliadora à Mãe de Jesus. Nessa capela, podia ver-se uma linda imagem com esse título, mas que tinha ido para restauro. Ao ser assim invocada, todas responderam “rogai por nós”. Todas, menos a Avozinha que, do seu genuflexório de honra, ao fundo da capela, respondeu com voz fininha, clara e firme: “ela não está cá...”

O recreio do meio-dia, sempre muito movimentado, era normalmente no pátio, a jogar à bola: basquete, volley ou mata... Geralmente, no jogo do mata, algumas miúdas mandavam a bola com quanta força tinham. Nestas circunstâncias, a Teresa, em vez de a apanhar, fechava os olhos com medo dela. As outras riam. Voltava-se para as aulas a suar...

A Educadora

Tendo saído ainda muito novinha para as Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, também conhecidas por Salesianas, Instituto Religioso Educativo e Missionário, brotado do coração de S. João Bosco, a autora assimilou o espírito próprio do ambiente em que viveu a sua adolescência e juventude. Por sorte, pode concretizar um sonho que julgava impossível por naquele tempo ser reservado apenas a ricos: estudar. Na verdade, não era isso o que procurava mas, felizmente, foi-lhe oferecida essa possibilidade. No primeiro momento, aceitou-a com alguma relutância, por achar que já pouco se recordava das aprendizagens adquiridas na antiga escola primária. Mas bastou começar para voltar a ganhar gosto e mostrar de quanto poderia ser capaz.

Terminados os estudos essenciais, estava ela sobre uma cadeira com um longo espanador na mão a tentar desfazer uma teia de aranha agarrada ao tecto da linda sala de convívio toda trabalhada em gesso, quando de repente entra a Ir. Maria do Carmo de quem fala na “Visita do senhor Ministro”. Sem rodeios, diz-lhe sorridente: “não gostarias de fazer o curso de educadora?”.

Quase caiu da cadeira ao dar um salto sobre a mesma. - Que bom! - Respondeu, feliz e agradecida. E, feliz, deve ter ficado também a pobre da aranha que pode continuar com a sua obra de arte intacta.

A partir daquele convite, que quase era uma ordem, começou a jovem a tecer um novo percurso de vida até então por definir na sua totalidade. Aos 17 anos já tinha experimentado uns dias com crianças em substituição inadequada da educadora. Pois, sem qualquer ensinamento e com um grupo heterogéneo muito numeroso, o melhor momento era quando estas dormiam a sesta!... Durante o curso, prestou alguma ajuda ocasional a uma educadora salesiana que se ocupava igualmente de muitas crianças de todas as idades. Recordo o Nuno de três anos que, ao ser necessário dar-lhe banho, encolhia as pernitas e suplicava: “lava-me, mas não me molhes”. Uma vez ajudou

a limpar a sala dos pequenitos, estranhando que a mesma educadora não a deixasse desfazer as teias das aranhas.

Terminado o curso, na escola pública de Viana do Castelo, esperava-a o amplo Alentejo: quatro anos no novíssimo colégio Laura Vicuña em Vendas Novas. Depois, o Minho voltou a chamá-la para o mesmo colégio onde tinha estagiado. Por sorte, todo renovado com salas e salões novos e um maravilhoso recreio polivalente.

Sofria, quando tinha de partir, mas sempre gostou de cada um dos sítios onde se entregou ao serviço da educação da infância. Porto, Évora; Santa Bárbara de Nexe no Algarve; Paranhos no interior beirão; Cascais; Arcozelo de Vila Nova de Gaia; Figueiredo das Donas, na própria sala onde tinha aprendido a ler; Vouzela e Cambra, no mesmo concelho, foram outros lugares onde ajudou tantas crianças a adquirirem as suas próprias ferramentas para poderem começar a tecer as suas vidas. Ao longo de todos estes anos, pôde compreender que para poder educar, não podia fazer como o pequeno Nuno. Era preciso despir-se de ideias pré-concebidas ou fixas durante muitos anos, ainda em voga naquele tempo. Era preciso lavar constantemente a alma e a mente para acompanhar as necessidades que novos tempos traziam, e poder adaptar-se ao novo e diferente.

As crianças eram a sua vida. Elas preenchiavam a totalidade do seu ser. Mesmo sem nunca ter dado à luz, sentia realizada a sua vocação materna. Parece que as crianças de Cascais foram as que melhor entenderam tal realidade, ao tratarem-na afectuosamente por “Mamã Cila”. Não foi a educadora perfeita. Não. Mas deu muito amor. Todo aquele de que foi capaz. E quanto amor recebeu daqueles corações pequeninos que para sempre serão os seus meninos!

Agora, feitas as contas, pode repetir sem se enganar: “se voltasse a nascer, queria ser educadora de novo”. Mas pode acrescentar também: “sem as exigências burocráticas e inúteis dos dias de hoje que só desgastam, de nada servem e que muito roubam à infância”.

O Menino do Vento

Era uma vez uma grande escola situada numa pitoresca cidadezinha banhada pelo mar e uma linda baía. O céu era tão azul e o sol tão brilhante que faziam chorar os olhos. As gaivotas gostavam de se aventurar cidade adentro e os turistas, mesmo durante o inverno, andavam de calções e blusas de alcinhas, vermelhos como tomates. Nas ruas, sempre cheias de gente, ouviam-se diversas línguas, predominando o inglês. As pessoas vestiam com elegância e sorriam sempre, sobretudo quando viam passar a criançada. Quase ninguém dizia bom dia ou boa tarde, porque a maior parte não se conhecia.

Numa manhã em que o sol demorou a acordar, o vento tomou-lhe a dianteira e foi aumentando de intensidade à medida que a manhã crescia. O ano lectivo já levava umas boas semanas e todas as crianças se sentiam em casa. Alegres e barulhentas, eram a vida do pequeno pátio.

Nessa manhã chegou, como de costume, uma carrinha cheia de meninos e meninas vindas de um bairro social nos arredores da cidade. Entre eles, desceu um rapazito que vinha pela primeira vez. Sobressaiu logo por causa do enorme salto com que se apeou. Quase passava por cima dos outros. Longe de se mostrar inibido diante de tantas crianças e num lugar desconhecido, pôs-se logo a correr os quatro cantos do recreio. Saltava e rodopiava em todas as direcções ao sabor do vento.

- Como te chamas? – Perguntou-lhe a educadora acabada de chegar para subir com o seu grupo para a sala de actividades. Quase nem respondia pela avidez com que explorava o espaço, mas conseguiu parar depois de mais uma voltinha:

- Eu sou o Zé.

Deu mais umas corridas e, parecendo adivinhar que aquela educadora seria a sua, voltou para junto dela já com todo o grupo na sua frente, alinhado em fila. A jovem senhora deu-lhe a mão e, carinhosamente, convidou-o a fazer como os outros. Tarefa difícil! O Zé só queria correr. A cada corrida, voltava para junto dela e, ora dava um empurrão a um, ora fazia uma rasteira a outro. Finalmente, cansado e todo suado, acalmou.

Já sentados em círculo na própria sala, era o tempo de cantar os bons dias em jeito de apresentação, devido à presença do menino novo. O Zé estava encantado, mas não demorou muito tempo quieto. Curioso, ia observar e mexer no material existente, perguntando o que era ou para que servia isto ou aquilo. Como o grupo permanecesse sentado, resolveu fazer o mesmo. Então, fez a sua apresentação formal, enquanto os seus olhos inquietos perscrutavam todos aqueles que a partir daquele momento seriam os seus companheiros.

- Moras no Bairro da Torre? – Perguntou a educadora.

- Agora moro, mas antes eu vivia no Fim do Mundo. É perto do Pai do Vento. Sabes? Eu gosto tanto do vento! Ele corre muito e não se vê. E ninguém o apanha. E eu gosto de correr como o vento. E não me deixo apanhar!

- Tens irmãos?

- Sim: tenho muitos. Somos sete. Eu não sou o mais pequeno. A mais pequena é a Alice. Estamos os dois em casa de uma senhora que cuida de nós. Os outros, não sei onde estão.

- E a tua mãe?

- A minha mãe? A minha mãe... Eu sei onde ela está, mas não digo. E o meu pai acho que está no hospital. Mas antes ele andava no mar a pescar.

E lá ia falando dos seus, sempre com aqueles olhos vivos, negros e grandes, em movimento.

O Xico Agricultor

- Então, Xico, ontem não vieste. Sentimos a tua falta. – Disse-lhe pela manhã a educadora num tom cativante e carinhoso.

- Não pude: andei a ajudar o meu pai a espalhar esterco com o tractor. Andar no tractor, é fixe! Tenho quase seis anos! Já não sou nenhum fedelho!

Percebe-se que estamos diante de um menino habituado às lides campestres. De facto, o ambiente onde tudo se desenrola é uma linda aldeia beirã de gente trabalhadora e onde ruas estreitas ostentam antigas casas em pedra. Umhas em ruínas, e outras modernamente reconstruídas e confortáveis e cuja arquitectura denuncia um tempo em que os campos eram sobejamente trabalhados e grande a abundância de víveres e de gado.

Havia ainda crianças que colaboravam nos trabalhos agrícolas e tomavam conta do gado, além de seguirem de perto tudo quanto se fazia nos campos.

O jardim de Infância funcionava há tempos em instalações provisórias e tinha duas salas com grupos heterogêneos entre os três incompletos e os seis anos. O acesso era feito por dois lanços de escadas em que as exteriores eram muito rústicas e um pouco perigosas.

Certa manhã, percebia-se que alguém as subia quando já todos tinham entrado havia algum tempo. Não tardou em se ouvir um choramingar no pequeno átrio. A auxiliar, sempre solícita, veio ver o que se passava. Reentrou e informou sorridente:

- Senhora professora, está ali uma mãe com o menino, mas ele não quer entrar. Eu conheço-o, mas também não

Índice

Prefácio	7
Aluna	9
Automá-á-á-á-tico-o-o-o!..	13
D. Carlos e Dona Amélia	23
Arroz Americano - Belo Petisco!	25
O Morto que Ri	35
Morreram muitos mortos	43
O Grande Culpado	49
A Visita do Senhor Ministro	61
Educadora	69
Cândida partilha	71
Quando eu era o Pai Natal...	73
O Homem Mistério	75
O Pião	107
O Garnisé brincalhão	125
O Menino do Vento	127
O Xico Agricultor	137
Criança	147
Algumas fotos	149
Sobre a autora	153
Índice	155